



ID: 111021526

09-05-2024

IDEOLOGIA

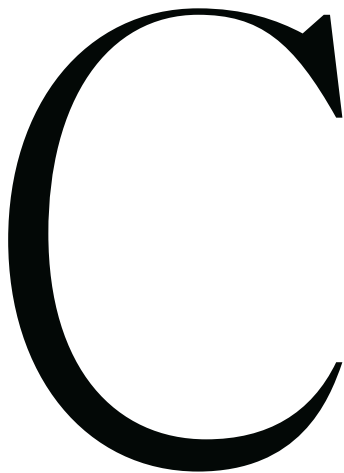
O que separa homens e mulheres?



É uma tendência bem visível nos países desenvolvidos: as mulheres votam mais à esquerda e os homens mais à direita. O fosso está a agravar-se nas camadas mais jovens e em Portugal já se nota também esta separação. O que a justifica e quais as consequências sociais que daqui advêm?

— POR JOANA LOUREIRO*





Cresceram em famílias partidárias diferentes, ela de esquerda, ele de direita. No início, a relação afetiva não parecia ser afetada pelas inclinações políticas. A certo ponto, algo mudou. As discussões tornaram-se constantes, normalmente com o noticiário televisivo ou uma publicação inflamada nas redes sociais como pano de fundo a alimentar a polémica do momento. Começavam ordeiras, a tentar respeitar a diferente ideologia do parceiro, mas rapidamente cresciam de tom. Ou era uma frase que caía na demagogia ou a proclamação da admiração por uma figura política que o outro abominava ou uma medida avançada pelo Governo sobre a qual o casal não conseguia estar de acordo. As trincheiras cavaram-se, cada vez mais fundo, até ao ponto em que já não era possível agitar a bandeira branca da paz democrática.

A julgar pelo tom alarmista com que a imprensa internacional tem abordado as diferenças de voto por género, este cenário de guerra dos sexos está prestes a instalar-se. Historicamente, homens e mulheres da mesma geração costumavam estar alinhados ideologicamente. Agora, a geração Z – nascida sensivelmente entre 1997 e 2012 – mostra sinais de contrariar esta tendência.

Um artigo no *Financial Times*, publicado no final de janeiro, fez soar os alarmes. O jornalista John Burn-Murdoch alertava para a abertura de um fosso ideológico profundo entre homens e mulheres jovens, em países de todos os continentes, apoiado em inquéritos feitos nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Alemanha e na Coreia do Sul – nos três primeiros, referia existir uma diferença de 30



▲ **Jovem e ativista** Greta Thunberg é o rosto da luta contra as alterações climáticas. As jovens mulheres são hoje mais participativas



“Quando as exigências, de competitividade e de sucesso, são ainda tão marcadas, sobretudo para os homens, o que possa ser uma ameaça é percebido como perda de privilégio”

SOFIA NEVES, psicóloga

pontos entre os homens, cada vez mais conservadores, e as mulheres contemporâneas, significativamente mais progressistas –, que se tornava menos pronunciado quando se olhava para os maiores de 30 anos.

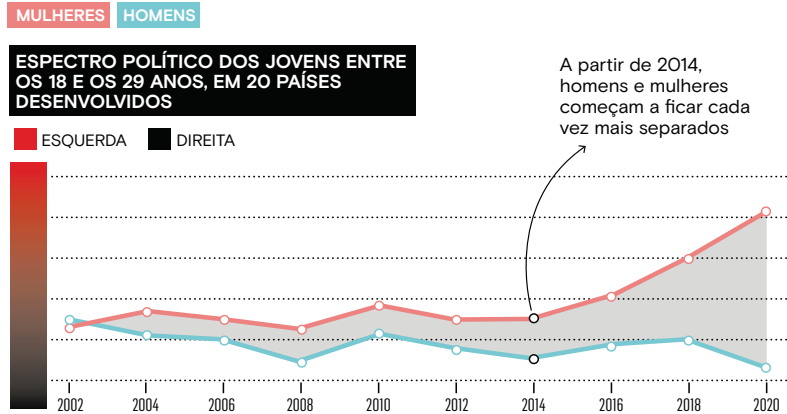
PORTUGAL VAI NA ONDA

A tendência nem sempre foi esta. Na orientação de voto por género nas democracias ocidentais durante o século XX, até meados de 1970, as mulheres adotavam uma posição mais conservadora e votavam à direita dos homens. A partir da década de 80, o cenário começou a alterar-se em vários países ocidentais e, já na década de 90, o voto feminino realinhou-se à esquerda, sobretudo nas coortes mais jovens. “As mulheres começaram a assumir papéis de género mais modernos, a integrar-se no mercado de trabalho, a ter níveis de instrução mais avançados, e a partir daí começaram também a ter um voto mais progressista”, aponta Edna Costa, professora no Departamento de Ciência Política da Universidade do Minho. Com o crescimento dos partidos populistas de direita radical no século XXI, um pouco por toda a Europa, conquistando estas forças uma grande fatia do eleitorado masculino, acentuaram-se as diferenças de género no sentido de voto.



A grande clivagem entre os jovens

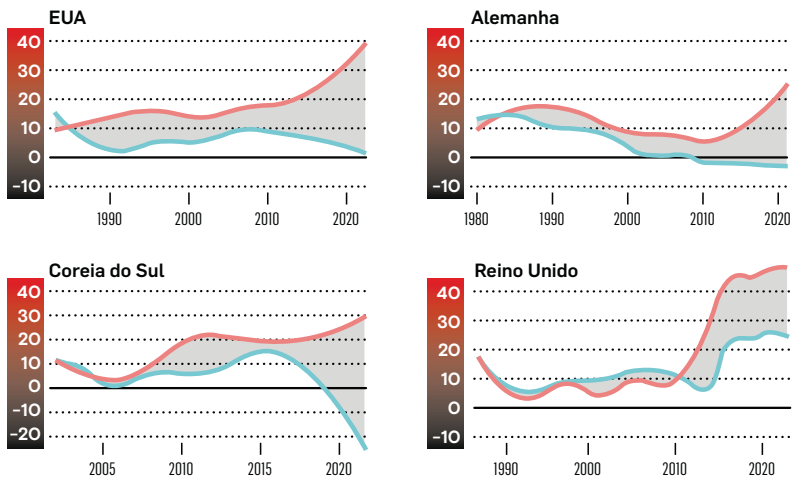
Em 2002, era curta a diferença ideológica entre homens e mulheres, dos 18 aos 29 anos. Quase 20 anos depois, essa diferença é substancial



TENDÊNCIA POR PAÍSES (18-29 ANOS)

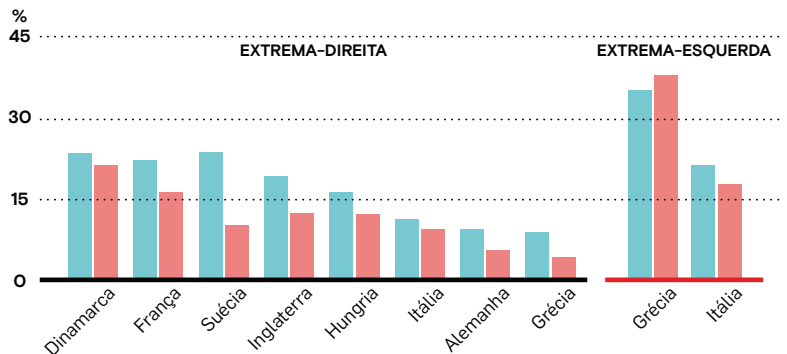
Eles estão a ficar mais conservadores? Elas, definitivamente, afastam-se da direita

% DE VOTOS OU INTENÇÕES DE VOTOS, DESDE JANEIRO DE 2015



VOTOS NOS PARTIDOS POPULISTAS

"Homens zangados", como escreve o *Economist*, votam mais na extrema-direita



FONTE The Economist e Financial Times

MT/VISÃO

Em Portugal, resistia-se a esta tendência. Ora, nas últimas eleições legislativas, a 10 de março, uma sondagem feita à boca das urnas (pelo ICS/ULisboa, o ISCTE e a GfK Metris) veio “confirmar a adesão de Portugal ao chamado ‘gender gap moderno’, que caracteriza a generalidade das democracias avançadas, onde os homens votam mais à direita do que as mulheres”, segundo a análise feita pelos professores João Cancela (Nova FCSH) e Pedro Magalhães (ICS/ULisboa). “Em particular, PS, BE e (especialmente) PAN atraíram desproporcionalmente as mulheres que votaram, enquanto a IL e (especialmente) o Chega fizeram-no com os homens”, especificam os politólogos.

Na verdade, nas legislativas de 2022 já tinha sido identificada uma ligeira divergência na orientação de voto quanto ao género, com os “boletins femininos” a registarem-se mais à esquerda. À VISÃO, João Cancela acrescenta que, “mais do que aumentar, estas eleições [de 2024] confirmam a existência do *gender gap*”.

No nosso país, até aqui, “o género não tem sido um fator explicativo muito significativo do comportamento eleitoral, seja em relação à decisão de votar ou à orientação do voto”, refere-se no livro *O Eleitorado Português no Século XXI*, que no final deste mês

será publicado pela editora Tinta-da-China. O capítulo com o título *Género e Voto em Portugal: Onde Está o Gender Gap?*, coassinado pelas politólogas Edna Costa, Patrícia Silva e Ana Espírito-Santo, explora precisamente a evolução dos *gender gaps* no período de 2002-2022. “Não foi possível incluir as legislativas de 2024 mas, pelo que pudemos ver dos inquéritos feitos à boca das urnas, as tendências que registámos em 2022 mantiveram-se, tanto ao nível da participação – aquela foi a primeira eleição em que as mulheres votaram mais do que os homens – como ao nível da orientação política, tendo-se seguido a tendência de outras democracias ocidentais de uma reorientação à esquerda do voto feminino”, aponta Edna Costa.

Contudo, “as diferenças de género na orientação de voto não são muito significativas em Portugal, estamos a falar de uma variação de cerca de cinco pontos, não têm a intensidade de outros países, que vai até aos 30 pontos”. Com estas percentagens, dificilmente poderá falar-se de polarização da sociedade portuguesa. A questão geracional também não tem a mesma dimensão, porque “vemos uma intersecção maior entre os efeitos de género e de idade”. Mas, segundo João Cancela, “há indícios de que o *gender gap* está a surgir com maior magnitude entre os mais jovens”. O perfil de formação também não é negligenciável. “Entre os jovens homens sem formação universitária, há

> Inversão do padrão Maria de Lourdes Pintasilgo permanece sendo a nossa única primeira-ministra. Nas últimas legislativas, as mulheres participaram mais do que os homens

uma maior propensão para o voto na direita radical – especificamente, no *Chega*”, indica o politólogo.

ELAS SOFREM MAIS COM AS CRISES

Em Portugal, com a entrada do *Chega* e da Iniciativa Liberal no Parlamento, em 2019, presença reforçada nas eleições seguintes, verificou-se “uma fragmentação partidária à direita que mexeu com os padrões de género no voto”, explica Edna Costa. “Não tanto porque nestes atos eleitorais as mulheres tenham votado mais à esquerda, mas porque estes dois partidos atraem um eleitorado maioritariamente masculino”, adianta.

Alguns autores falam de um “*gender gap* próprio da direita radical”, que se aplica ao *Chega*, partido que “provoca até alguma repulsa nas eleitoras femininas, não só pela ideologia e pelas questões da igualdade de género, mas também pela própria dimensão mais agressiva e conflitual”.

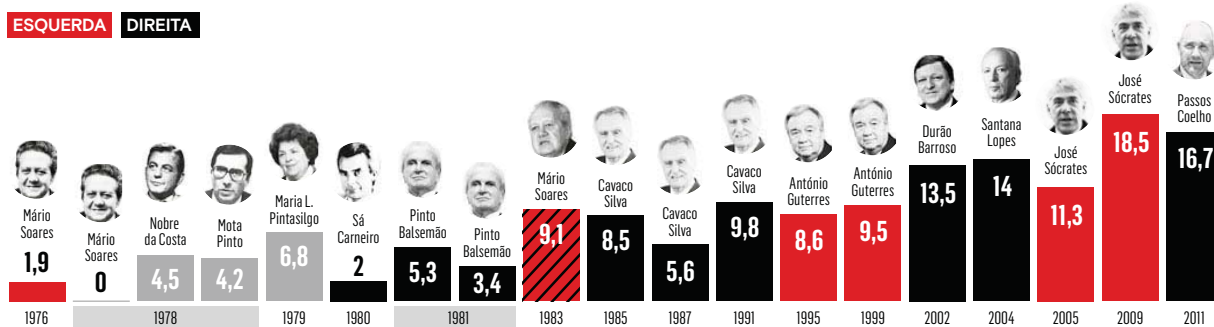
Ainda que com muitas cautelas, Paula Espírito Santo, socióloga especialista em Ciência Política e Comportamento Eleitoral, aponta algumas explicações para esta diferenciação entre géneros. “Há dinâmicas de mobilização de voto em determinados



O peso delas nos governos

Em 2006, com a aprovação da Lei da Paridade, nos órgãos de poder político, ficou definido que as listas têm de ter, no mínimo, 33,3% de representação de cada género

% DE MULHERES NOS GOVERNOS CONSTITUCIONAIS DE 1976 A 2024



FONTE Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género



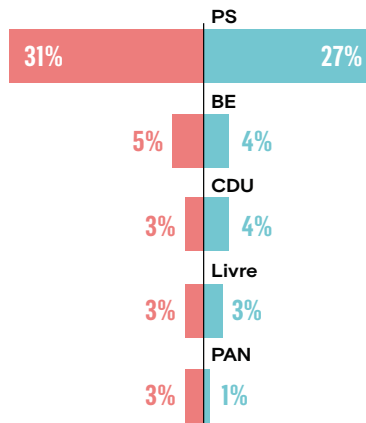
Em Portugal, elas também votam mais à esquerda

O PS ganharia no voto feminino e o Chega não passaria dos 15%, enquanto os homens davam ao partido de Ventura 21% das intenções de voto. É o que diz um estudo com base em sondagens feitas à boca da urna

MULHERES HOMENS

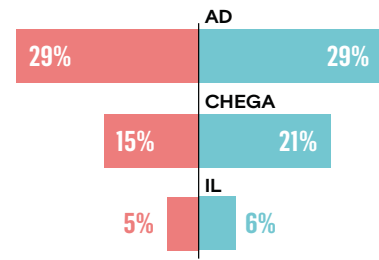
VOTOS À ESQUERDA

INTENÇÕES DE VOTOS EM PARTIDOS DE ESQUERDA NAS LEGISLATIVAS DE 10 DE MARÇO DE 2024



VOTOS À DIREITA

INTENÇÕES DE VOTOS EM PARTIDOS DE DIREITA NAS LEGISLATIVAS DE 10 DE MARÇO DE 2024



FONTE Sondagem feita à boca das urnas, a 10 de março de 2024, pelo ICS/ULisboa, ISCTE e GRK Metris. João Cancela (Nova FCSH), Pedro Magalhães (ICS/ULisboa)

MT/VISÃO

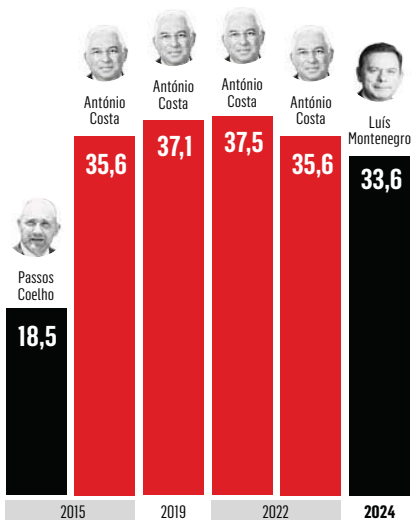
partidos que são novidade e, por oposição, podemos encontrar fenómenos também de contrarresposta, ou seja, prevendo-se um crescimento da extrema-direita, houve um fenómeno reativo por parte das mulheres, considerando um contexto eleitoral particular em que possam estar em causa valores importantes do ponto de vista democrático”, sugere.

Outra explicação para as diferenças de género nas votações, para Ana Espírito-Santo, investigadora de Ciência Política e professora no ISCTE-IUL, está na “crise económica”, isto é, “as mulheres estão normalmente em situação de maior fragilidade financeira, são mais afetadas pelas crises, com maiores taxas de desemprego e salários mais baixos, e isso fê-las votar mais à esquerda, porque consideravam que estes partidos ofereciam uma garantia de melhoria da qualidade de vida”.

No caso português, o voto é muito determinado por questões econó-

micas e de proteção social. E, como demonstram vários inquéritos e estudos, continuam a ser as mulheres a ter mais dificuldades na conciliação de trabalho e família, a estar mais dependentes dos benefícios sociais, a sofrer de taxas de pobreza mais altas. Nas mulheres mais jovens, crescem outras dificuldades, como a inserção no mercado de trabalho ou o problema da habitação. “No fundo, são o grupo da população que está mais dependente do Estado e, por isso, defende que tenha um papel mais interventivo e isso mobiliza-as mais para os partidos de esquerda”, aponta Edna Costa.

Numa análise exploratória, João Cancela tentou perceber se, por detrás desta aparente divergência esquerda-direita em Portugal, podia estar uma posição mais conservadora, respeitante ao papel do Estado na redistribuição económica, ou mais cosmopolita, de um Estado preocupado com temas



MT/VISÃO

como os casais do mesmo sexo, o ambiente ou a imigração. “Fiquei surpreendido, porque encontrei uma maior diferença de atitudes entre géneros precisamente na dimensão clássica esquerda-direita, com as jovens mulheres a posicionarem-se num polo mais redistributivo”, sublinha. A interpretação, especula, poderá estar numa “maior identificação com a ideia de que deve haver políticas sociais que protejam as famílias”, até porque “sabemos que há uma distribuição assimétrica do trabalho familiar e doméstico, com as mulheres a serem mais prejudicadas”.

Veja-se o relatório *A Situação da Paternidade e do Cuidado em Portugal 2023*, assinado por Tatiana Moura, do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra – cerca de 90% dos homens inquiridos sentem que partilham responsabilidades pelas tarefas de cuidado em casa, mas apenas 61% das mulheres sentem o mesmo. No caso do cuidado com os filhos, 21% das mulheres referem que dedicam mais de seis horas diárias a essas tarefas, contra 7% dos homens, que dedicam entre uma a duas horas diárias.

DESIGUALDADES E PRIVILÉGIOS

As diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho, tendo em conta os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), referentes a 2022, são esclarecedoras: a participação das mulheres no mercado de trabalho (56,3%) é menor do que a dos homens (64,4%); as mulheres são mais qualificadas do que os homens (entre elas, 41% têm Ensino Superior, em comparação com 26,9% deles) – no entanto, estão sobrerrepresentadas nas profissões menos valorizadas e remuneradas, e sub-representadas em cargos de gestão de topo; a taxa de desemprego das mulheres é mais elevada (6,5% para 5,5%); e o rendimento líquido dos homens (€1 116) é 17,5% superior ao das mulheres (€950). Temos uma legislação progressista, mas os comportamentos ainda estão longe do que está consagrado na lei.

“Continuamos a ter uma visão muito redutora sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, isto se pensarmos numa lógica estritamente binária. O espartilho de género permanece firmemente atado no nosso imaginário coletivo, prejudicando homens, mulheres, pessoas”, defende Sofia Neves, psicóloga e investigadora.

Quatro portuguesas à frente do seu tempo

A igualdade entre homens e mulheres foi também sendo conquistada graças ao exemplo dado por estas pioneiras

CAROLINA BEATRIZ ÂNGELO
1878-1911

Médica, foi a primeira mulher portuguesa a exercer o direito de voto, em 1911. Dirigente da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas quando se anunciaram as primeiras eleições, levou o caso a tribunal, alegando que reunia todas as condições estabelecidas na lei. E ganhou o processo. O caso fez notícia dentro e fora de portas, mas três anos depois a legislação foi alterada para que somente os homens pudessem votar.



Na Associação Plano i, que preside, tem desenvolvido projetos para combater os estereótipos e a desigualdade de género, junto das camadas mais jovens. “O que os estudos têm vindo a demonstrar é que, por exemplo, as mulheres jovens europeias estão cada vez mais conscientes das assimetrias de género que as condicionam e as limitam no exercício pleno dos seus direitos fundamentais como cidadãs. Tal consciência permite-lhes reconhecer os riscos inerentes às narrativas misóginas, mas igualmente racistas, xenófobas e homofóbicas de alguns partidos políticos.” Por isso, defende que “o ataque à liberdade e à autodeterminação das mulheres é, seguramente, a força motriz das divergências que as mesmas demonstram nas intenções de voto”.

Subjacente à opção de alguns jovens homens por forças políticas mais conservadoras está um receio de perda de privilégio. Afinal, quando lutam por progredir e veem tantas barreiras à sua frente, é mais provável que se ressintam dos ganhos das mulheres. Alguns autores falam sobre “os derrotados da globalização”, mais propensos a votar na direita radical. “São, sobretudo, os habitantes de zonas periféricas, sem formação superior, que se confrontam com um quadro mais desafiante para encontrar uma

ocupação do que há alguns anos... e fazem uma comparação implícita com o passado, um pouco idealizada”, explica João Cancela. “Numa altura em que as exigências, em termos de competitividade e de sucesso, são ainda tão marcadas, sobretudo para os homens, tudo o que possa ser uma ameaça é percebido como potencial perda de privilégio”, acredita Sofia Neves.

Para a politóloga Edna Costa, esta tendência da diferença de géneros na orientação de voto irá acentuar-se no futuro. “As questões de género e os direitos das mulheres nunca foram muito relevantes nos partidos nem nas campanhas políticas, mas nos últimos anos estão a ganhar outra centralidade e a mobilizar muito interesse por parte de uma população feminina que até estava afastada da política em geral, nomeadamente das gerações mais novas”, considera. Não necessariamente atraídas pela filiação partidária – que é residual, em ambos os sexos –, mas mobilizadas para outro tipo de protestos políticos. “Obviamente, as mulheres não são todas iguais, estão em estratos sociais e económicos diferentes, com desafios muito distintos. Mas esta consciência de que existem questões identitárias, específicas do género feminino, que devem preocupar-nos a todas e não



ANA DE CASTRO OSÓRIO
1872-1935

Assinou o primeiro manifesto feminista português, publicado em 1905. Defendeu que a mulher portuguesa “só no trabalho encontraria a sua carta de alforria, não no trabalho esmagador, exercido como castigo, mas no trabalho que enobrece o espírito”. Foi escritora, editora, pedagoga, publicista e ativista, estando ligada à fundação de vários grupos feministas. Criou a revista feminina intitulada *A Sociedade Futura*.



REGINA QUINTANILHA
1893-1967

Foi a primeira mulher a licenciar-se em Direito em Portugal. O Conselho Universitário da Universidade de Coimbra reuniu-se propositadamente para deliberar sobre o ingresso de um aluno do sexo feminino. Começou a exercer advocacia com autorização especial do Supremo Tribunal de Justiça, antes do decreto que, em 1918, consagrou o exercício desta profissão também às mulheres.



ADELAIDE CABETE
1867-1935

Republicana convicta, fez bandeira da reivindicação dos direitos das mulheres, como o voto e um período de descanso após o parto. Integrou a Associação de Propaganda Feminista em Portugal, dirigiu a revista *Alma Feminina* e foi ainda presidente da Cruzada Nacional das Mulheres Portuguesas – movimento à frente do qual organizou o I Congresso Feminista e de Educação, em 1924.

só àquelas que passam exatamente por esse desafio ou por essa dificuldade, está mais clara”, acredita.

Nos contactos com a geração mais nova, a psicóloga Sofia Neves nota que “as mulheres são hoje mais participativas, mais reflexivas, mais críticas e mais civicamente comprometidas. Têm-no mostrado em várias frentes, como é o caso da luta pela igualdade e pela prevenção e o combate à violência de género, mas também na defesa do meio ambiente e da sustentabilidade e na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos”. Terão, por isso, um papel fundamental na construção de uma sociedade mais progressista.

BOLHAS DIGITAIS

A nível internacional, o cenário de divisão política entre os sexos, sobretudo entre os 18 e os 29 anos, tem crescido substancialmente nos últimos 20 anos. O tema tem sido explorado por Alice Evans, investigadora da Universidade de Stanford, prestes a concluir o livro *The Great Gender Divergence* (*A Grande Divergência de Género*, em português).

A autora já tinha avançado, noutros textos, com algumas explicações para esta polarização nas sociedades ocidentais: a cultura feminista que emergiu no século XXI, com a voz



“ Há mobilização de voto em partidos que são novidade e, por oposição, podemos encontrar fenómenos de contrarresposta, ou seja, prevenendo-se um crescimento da extrema-direita, houve um fenómeno reativo por parte das mulheres ”

PAULA ESPÍRITO SANTO, socióloga

das mulheres a ganhar cada vez mais força; o ressentimento dos homens provocado pela estagnação económica (em inquéritos europeus, os homens mais jovens eram aqueles que mais defendiam a posição de que “a promoção dos direitos das mulheres e das raparigas foi longe demais porque ameaça as oportunidades dos homens e dos rapazes”, usando-as como bodes expiatórios para as suas dificuldades); as bolhas criadas pelas redes sociais, que alimentam os equívocos e a animosidade, com as câmaras de eco culturais, por um lado, a legitimar o ressentimento antifeminino dos homens e, por outro lado, exacerbar as crenças das mulheres de que o mundo é profundamente injusto; e empreendedores transformados em *influencers*, que usam as novas tecnologias para veicular mensagens sexistas e misóginas, que surfam a onda de frustrações de jovens inocentes e cujos conteúdos sensacionalistas são promovidos pelos algoritmos.

Os partidos tradicionais têm mostrado dificuldades em falar para a geração Z, com uma volatilidade muito grande dos eleitores, movidos não pelas filiações partidárias, mas pelas questões do momento. “Tem havido bastante resistência a entrarem numa campanha digital, que acaba por ser mais dinâmica, mais interativa e mais atrativa para os jovens”, afirma Edna Costa. Já as novas forças políticas, nomeadamente o Chega e a Iniciativa Liberal, adaptaram-se aos emergentes contextos de campanha e moveram-se com agilidade nas redes sociais. “Souberam posicionar-se, o sucesso no recrutamento online é enorme, nomeadamente do Chega, com promessas de dar voz aos jovens e a lugares de tomada de decisão”, acrescenta, adotando “uma linguagem simplista para debater problemas complexos”.

Uma opinião partilhada pelo politólogo Jorge Fernandes: “Esta geração já não consome informação política através dos jornais e da televisão. Enquanto outros líderes políticos iam fazer arruadas durante a campanha, o André Ventura ficava a fazer vídeos para o TikTok... Isso é mil vezes mais eficaz do que uns tipos com uns bombos”.

No mundo digital, crescem ainda coletivos radicalizados que se opõem à igualdade de direitos entre homens e mulheres e disseminam um machismo reinventado. *Youtubers e influencers* com um discurso misógeno e sexista

Conquistas das mulheres

Algumas das lutas históricas que mudaram a sociedade portuguesa

1931

DIREITO AO VOTO

Só estavam elegíveis as mulheres que tivessem frequentado o Ensino Superior ou as chamadas “chefes de família”. Em 1933, o voto alargou-se à “mulher solteira, maior ou emancipada, quando de reconhecida idoneidade moral, que viva inteiramente sobre si e tenha a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais”. Em 1968, passaram a votar todos aqueles que soubessem ler e escrever. Contudo, o voto só se tornou universal depois do 25 de Abril de 1974.

1984

LEI SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL E PLANEAMENTO FAMILIAR

Teve uma importância significativa para a emancipação feminina, para a autonomia da mulher sobre o seu corpo, para o exercício de uma maternidade e de uma paternidade conscientes, e para a prestação de cuidados em saúde sexual e reprodutiva.

2006

LEI DA PARIDADE

Estabeleceu que as listas para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu e para as autarquias locais têm de assegurar a representação mútua de 33% de cada um dos sexos.

2007

LEI DA INTERRUÇÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ

Aprovado em referendo, o aborto passou a ser permitido por opção da mulher, desde que seja realizado ou supervisionado por um médico e realizado num estabelecimento de saúde oficial, durante as primeiras dez semanas de gravidez. O prazo é estendido em alguns casos.



atraem milhares de seguidores, inclusive em Portugal. “Há uma armada, mais tarde cooptada pelo Chega, que lhes deu apoio financeiro e de meios”, indica Jorge Fernandes.

Para Sofia Neves, “a habilidade de manipular o descontentamento e o sofrimento é uma das características mais perversas dos movimentos populistas. Fazem-no, frequentemente, criando a ilusão de que o ódio é a resposta. Não é por acaso que, entre alguns grupos de homens, e particularmente os mais jovens, o ódio contra as mulheres está a aumentar e a tornar-se mais audível”.

Num contexto de estagnação económica, a resistência à perda do poder masculino é natural. O que se vê agora “é uma instrumentalização no sentido de apelar à nostalgia de uma era em que os papéis de género estavam muito bem definidos e que não permitiam qualquer tipo de aventura fora da esfera privada às mulheres”, desmascara Edna Costa. “Um retrocesso inqualificável que é necessário travar com educação e informação”, defende Sofia Neves.

COMO EDUCAR OS FILHOS?

Esta tendência da divisão de género na votação, agora firmada em Portugal, é uma boa oportunidade para a realizadora e escritora Raquel Freire se assumir “obcecada” pelo tema. “Tenho um filho de 23 anos e comecei muito cedo a pensar: como é que educo o Dinis para ser um cidadão responsável?”, conta, para início de entrevista.

Dinis era ainda um miúdo quando a mãe conversou com a coreógrafa e

bailarina Vera Mantero sobre a hipótese de fazerem juntas um espetáculo intitulado *Como Criar um Filho Feminista e Antifascista*. A coreógrafa e bailarina não tem filhos, mas o tema sempre a preocupou. “Ainda vamos fazer, de certeza”, ri-se a realizadora, num intervalo da edição do seu novo documentário, *Mulheres do Meu País*, com estreia prevista para 2025.

Como dramaturga, Raquel Freire já abordou a questão em *NÓSOUTRXS*, que esteve em cena no Teatro São Luiz, em Lisboa, há mais de uma década. Uma peça que se desenvolvia com o público e que partiu de um vídeo em que o filho, então com 8 anos, dizia: “Quando sorrio no metro, as pessoas pensam que sou uma menina.”

“O espetáculo nasceu dessa inquietação”, recorda. “Quando o Dinis era gentil e afável, como eu o eduquei, confundiam-no com uma menina – sendo que ele fisicamente teve cedo sinais masculinos fortes.”

Vem isto a propósito dos papéis de género e, sobretudo, daquilo que a sociedade espera dos homens e das mulheres. “Em 2024, continuamos a ter violência contra as mulheres e desigualdades salariais (na Europa, prevê-se que só vamos ter igualdade salarial em 2080). E também sabemos que, nas sociedades muito patriarcais, em que a mulher é oprimida, isso tem a ver com a empregabilidade. No Irão, por exemplo, menos de 5% das mulheres trabalham fora de casa. Então, dentro de portas são submissas, porque a dependência coloca-as num isolamento total”, sublinha.

“Estamos, ainda assim, a viver num mundo maravilhoso – nunca avan-



çámos tanto como agora”, acredita Raquel Freire. “Temos cada vez mais mulheres preparadas, a estudar e a trabalhar fora de casa. E as mulheres quando começam a estudar e a trabalhar entram no caminho da igualdade e não param mais. Começam a reclamar direitos e a estabelecer redes.”

O homem foi superior durante tanto tempo, lembra Raquel Freire, e agora vêm dizer-lhe que tem os mesmos direitos das mulheres. Mas, embora tendo a certeza de que não há volta a dar, para trás, a realizadora sublinha que a mudança para as sociedades mais justas só se faz com os homens e as mulheres. “Temos, por isso, de compreender por que razão é que estes homens estão tão zangados e com tanto medo.”

Também para Alexandra Silva, membro da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres, o fenómeno está intimamente ligado ao facto de as jovens mulheres terem mais qualificações e competências, o que lhes permite ter um emprego e uma carreira profissional.

“O que pode estar na origem do pensamento mais progressista delas é o facto de quererem autonomia económica – por isso, acabam por ter muito bem definido o tipo de família que querem ter e em que momento. Em Portugal, ser mãe não interrompe a participação no trabalho (por cá, a expressão disso será quase 100%)”, diz Alexandra Silva. “A idade reprodutiva começava cedo e retirava-as do espaço público. Agora, isso não acontece e os homens estão a sentir o impacto do peso dessa participação continuada

▲ **Protestos atuais** No Irão, pela liberdade de não usar o *hijab*; e manifestantes pró-aborto junto da Embaixada dos Estados Unidos em Paris vestidas com os figurinos da série *The Handmaid's Tale* – a luta continua



“São, sobretudo, os habitantes de zonas periféricas, sem formação superior, que se confrontam com um quadro mais desafiante para encontrar uma ocupação... e fazem uma comparação implícita com o passado, um pouco idealizada”

JOÃO CANCELA, politólogo

das mulheres no mercado de trabalho.”

Com elas a trabalharem fora, aos jovens homens exige-se uma partilha das competências, desde cuidar da casa a cuidar de terceiros. “Aqueles que vêm de famílias em que as responsabilidades eram partilhadas assumem bem”, acredita a socióloga de formação. “Mas aqueles que não estão habituados a isso (e talvez sejam a maioria em Portugal) não aceitam tão bem, porque lhes retira o espaço e a autonomia para tomarem decisões em relação às suas atividades de lazer.”

Ao mesmo tempo, a desinformação, ao nível das redes sociais, leva à repercussão célere das ideias, nota ainda a coordenadora de projetos daquela associação que representa Portugal no Lobby Europeu de Mulheres. “São ideias alimentadas por algoritmos e vão reforçando algo que pode ter sido apenas o início de um pensamento.”

Por fim, mas não por último, Alexandra Silva lembra que as questões ligadas ao poder podem mexer com ideias preconcebidas. “Além de as mulheres estarem nas listas (por causa das leis que impõem limiares de paridade), há toda uma análise, não só por parte de associações como por parte da comunicação social, sobre a sua participação, que causa impacto. Eles pensam: ‘Nós, homens, vamos ficar sem os poderes ou com poderes iguais aos das mulheres.’ Ainda assim, penso que, para eles, tudo isto estará a ser rápido demais e, para elas, lento demais.” E, de novo, as perspetivas afastam-se. ■ jloureiro@visao.pt

*com Rosa Ruela e Sónia Calheiros

A divisão política da Geração Z 30

A orientação de voto por género está cada vez mais marcada, na geração entre os 18 e os 29 anos, com as mulheres a se inclinarem para a esquerda e os homens para direita. A tendência já chegou a Portugal



GYÖKERES A FORÇA DO SPORTING DE AMORIM

A NEWSMAGAZINE MAIS LIDA DO PAÍS HÁ 31 ANOS

WWW.VISAO.PT

N.º 1627 - 9/5 A 15/5/2024 - CONT. E ILHAS: €4 - SEMANAL

DOSSIER AUTOMÓVEL
QUANTO CUSTA CARREGAR UM ELÉTRICO

MUSTAFA SULEYMAN
“A IA AJUDARÁ AS PESSOAS A TORNAREM-SE MAIS PRODUTIVAS”

VISÃO

PORTO
ANATOMIA DE UM ATAQUE RACISTA

As mulheres são de

esquerda

e os homens são de

direita?



É uma tendência em crescimento nos países desenvolvidos, em especial na nova geração: elas são mais progressistas e eles são mais conservadores. As explicações do fenómeno “gender gap” e as consequências para a política e a sociedade

• AS DIFERENÇAS NO VOTO • O PESO FEMININO NOS GOVERNOS